

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Os limites do impossível* – contos gardelianos. Porto Alegre: Ardotempo, 2009.



O título do livro é ruim. Péssimo, na verdade. “Os Limites do Impossível” apresentaria melhor uma obra de auto-ajuda ou uma reportagem sobre feitos heróicos, sobre, por exemplo, o desencalhe de baleias jubarte em praias do sul do Brasil. Mas o livro mais recente de Aldyr Garcia Schlee, publicado no final de 2009, tem pelo menos um subtítulo esclarecedor: *Contos Gardelianos*. O subtítulo anuncia os temas das 12 histórias que o leitor encontra pela frente: amor, tragédia, abandono, sexo, poder, música, violência, desespero.

A dúzia de histórias ganha os nomes de 12 mulheres especialíssimas, personagens ou narradoras de seu encontro com Carlos Escayola, um coronel sedutor que poderia ter sido, como sugere a ficção, o pai de Carlos Gardel, a se acreditar que o músico de mãe francesa nasceu no Uruguai. Schlee transforma esse fiapo de história numa trama extraordinária, interligando os dramas de mulheres de distintas idades, raças, classes sociais, nacionalidades, profissões. A artista de circo Rosaura esconde em casa La Niña, cujo parto precoce será feito por Constantina. A bugra Narcisa deseja a patroa, Juana, que trai o marido com Carlos, o genro. As adolescentes Felicia, mucama, e Manuela, peona, vêem o que não se vê e contam o que não se conta.

A atmosfera do tango, em letra e música, na melancolia dos versos repetidos, se instala desde o primeiro capítulo. “Como saber que tinhas o olhar dourado, se nunca respondias e muito menos mantinhas a minha mirada?” A prosa de Schlee é lírica e repleta de sonoridades. O escritor alterna diferentes tipos de narrador – mulheres contando suas histórias em primeira pessoa, ou um narrador na primeira pessoa do plural –, ao mesmo tempo em que intercala, nos 12 contos, as avessas impressões femininas em relação ao amante. Existem as mulheres que odeiam Carlos (Clara, Narcisa, Blanca), as que o amam (Juana, Rosaura, Manuela, La Madorel), as que vão à loucura divididas entre amor e dor, a que roga praga (Mulata-Flor), enfim, as combinações de sentimentos tendem ao infinito, como no tango.

Ainda que a base do espaço ficcional seja a vila de San Fructuoso, antigo nome da cidade uruguaia de Tacuarembó, não se delimita exatamente um cenário, e sim uma atmosfera de região geográfica fronteiriça – no Sul do mundo, entre Brasil e Uruguai – localizada em

outra fronteira, a da passagem do século 19 para o 20. As raras datas dão conta de que La Niña, a filha temporona de Juana, nasce em 1870 e morre em 1905. Não por acaso, ela ocupa o miolo do livro, a sétima parte ou conto. Carlos Escayola inaugura um cabaré em 1879 e vira coronel alguns anos depois, em 1886. Vai morar em Montevideu em 1908. O leitor conhece os contornos de uma espécie de casa-grande onde vive a família oficial de Carlos Escayola, mas o homem funciona como um personagem nômade, trocando de quartos e de mulheres ao sabor dos ventos do hemisfério sul.

Dois signos importantes trabalhados pelo autor são a incomunicabilidade e o interdito. Desde Clara, a primeira das 12 mulheres, apaixonada por um moço com quem troca só duas palavras, passando por Felicia, a mucama silenciada pela mãe (“mamãe não acredita no que vi, no que vejo”) e La Niña, emudecida desde a perda do primogênito, percebe-se no entorno do coronel sedutor um grupo feminino com dificuldades extremas de se fazer ouvir. Mas a história de escândalos precisa ser contada, e é na resolução desse paradoxo, o de narrar o interdito sob vários pontos de vista, que Aldyr Schlee revela todo o seu engenho.

“(Blanca nunca terá contado ao padre Benito que, um dia, a irmãzinha de treze anos aparecera sangrando perna abaixo, engasgada no próprio choro, sem poder falar e sem poder contar nada, sem que se pudesse saber, ao menos, o que lhe acontecera [...])” (p. 77). No conto dedicado a Blanca, irmã de Clara e filha de Juana, a narrativa dos segredos fica associada à proteção do confessor, sendo que nem o padre, segundo o narrador, teria ouvidos para a compreensão do inominável. É nesse capítulo que o perfil do coronel se complementa com a face violenta, de chefe local perseguidor dos opositores políticos. “Era um tempo de muito banditismo” (p. 139), lê-se na história de Mulata-Flor. Tempo de revoluções, de degolas e de desaparecimentos no mundo masculino, aos quais corresponde, no cenário ficcional de Aldyr Schlee, um tempo de solidão no mundo feminino.

Mas nada é explícito, pelo contrário. O autor joga permanentemente com as nuances de ver e não ver, contar e não contar, antecipar ou postergar uma revelação. “Sobre Rosaura, na verdade, o que não se sabe supera amplamente o que se sabe” (p. 92). Um recurso semelhante, acrescido

da incredulidade, surge com um dos narradores em primeira pessoa: “Ela era tida e havida por tão bonita e séria e feiticeira, que não consigo acreditar no que sei” (p. 130).

Nessa rara composição polifônica de vozes em algum momento emudecidas, seja pela loucura, pela espera sem fim do amado e mesmo pelo suicídio, sobressaem histórias de desejo como as de Rosaura, Manuela, Berta e La Madorel, as quatro ao mesmo tempo serviçais e amantes de Carlos. Distantes da casa-grande, a casa da família de Carlos, essas personagens fornecem uma espécie de “outro lado” do perfil da figura masculina que entrelaça as 12 histórias. Surge o bon vivant, o músico, o jogador, o dono de teatro, o patrão generoso, o galanteador que fazia cada uma de suas inúmeras mulheres se sentir única: “Ele como que me comia com aqueles olhos, tinha aqueles olhos constantemente cravados em mim”, narra Manuela, a menina que leva uma “tunda de relho” da mãe por ceder às cantadas.

Professor, tradutor e ensaísta, Schlee publicou seis livros de contos. Um deles, “O Dia em que o Papa Foi a Melo”, ganhou adaptação para o cinema com o título “O Banheiro do Papa” e direção do premiado César Charlone, parceiro do cineasta Fernando Meirelles em filmes como “Cidade de Deus” e “Ensaio sobre a Cegueira”. Na ficção, Schlee se mantém fiel ao seu universo fronteiriço e a alguns personagens de antanho. A francesa Berta, de capital importância por representar a suposta mãe de Carlos Gardel e, assim, mover a tragédia rumo ao futuro, é importada de um livro anterior do autor, “Contos de Verdades”, publicado em 2000. Como se fossem vagões se comunicando na mesma linha de trem, a Amante Francesa e Berta têm o hábito de andarem nuas pela casa, e dá para imaginar o escândalo, o alvoroço provocado em pequenos vilarejos a partir de tal comportamento.

No livro de paixões impossíveis e mulheres desaperoadas por carinho, Berta está no centro de uma rara cena cômica. Em ambos os contos de Schlee com a personagem-fetice, separados pelo tempo de uma década, a chave está justamente no verbo imaginar, de força ainda maior do que ver ou ler. Um trecho fornece a senha para o voyeurismo compartilhado entre autor, narrador e leitor: “Talvez a tenha visto, furtivamente, dormindo nua na despensa, como nós a vimos ainda agora” (p. 160).

“Os Limites do Impossível” traz histórias de amor de cem anos atrás, mas, às vezes, é como se elas estivessem acontecendo ainda agora. Graças a uma espantosa reconstituição de época que se dá, especialmente, pelo léxico regional e pela lírica da narrativa. Carlos Escayola pode ser um monstro, “comedor de fêmeas e fazedor de filhos, que se tinha por cidadão muito respeitável” (p. 135), ou pode ser um bálsamo, “capaz de seduzir uma cantora de ópera já no primeiro aperto de mão que lhe dava” (p. 185). A leveza da prosa, como as roupas ao sol no varal de Felicia, cria dissonâncias, tensões de sentido aberto. O título do livro é ruim e existe um problema de difícil resolução na ficha catalográfica, onde se lê “1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Literatura sul-riograndense.” Os contos gardelianos, na verdade, formam um romance de 12 dramas inseparáveis em sua complexidade. E que romance! Para lembrar a petaca de veludo verde da triste Rosaura, são páginas cheias de ouro, lembranças de horas inesquecíveis.

CRIS GUTKOSKI
Doutoranda Capes/PUCRS

Recebido: 13 de setembro de 2010
Aprovado: 09 de outubro de 2010
Contato: crisgutkoski@uol.com.br